

# A CONSTRUÇÃO DO LÚDICO E DO BRINCAR EM UMA UNIDADE PEDIÁTRICA: PROCESSOS PEDAGÓGICOS EM ESPAÇOS INFORMAIS

## THE CONSTRUCTION OF THE LUDIC AND PLAY IN A PEDIATRIC UNIT: PEDAGOGICAL PROCESSES IN INFORMAL SPACES

Jordana Minozo da Silva 1  
Rafael Silveira da Mota 2  
Alderise Pereira Quixabeira 3  
Maurício Aires Vieira 4  
Ruhena Kelber Abrão 5

**Resumo** Neste artigo tenciona-se resgatar importantes observações voltadas ao campo educacional e de saúde ressaltando a garantia de direitos na infância, por meio da valorização da importância do profissional pedagogo ingressando em alas de internações pediátricas, conhecendo espaços de brinquedoteca e da execução do trabalho pedagógico diante o lúdico na concretização da Pedagogia Hospitalar. O objetivo do presente estudo visa conhecer a relevância social do papel do pedagogo e de seu trabalho lúdico no tratamento de crianças dentro da pediatria de dois hospitais na cidade de Santiago/RS. O presente trabalho originou-se de pesquisa bibliográfica e de dois questionários abordando a temática em prática. Mediante aos resultados concluiu-se que o pedagogo ainda não é reconhecido como importante integrante da rede de profissionais que podem atender a crianças enfermas e descobriu-se ainda sobre a importância do lúdico, do brincar e da brinquedoteca no hospital e como a pedagogia hospitalar pode exercer essencial papel junto com o pedagogo hospitalar na recuperação das crianças internadas garantindo seu desenvolvimento e a garantia de seus direitos básicos como brincar e se desenvolver.

**Palavras-chaves:** Pedagogia. Pedagogia Hospitalar. Ludicidade.

**Abstract:** This work aims to rescue important observations related to the educational and health field, aiming at guaranteeing rights in childhood, by valuing the importance of the professional pedagogue entering pediatric hospitalization wards, getting to know playroom spaces and the execution of pedagogical work in the light of the playful in the implementation of Hospital Pedagogy. The aim of this study is to understand the social relevance of the role of the pedagogue and their playful work in the treatment of children in pediatrics at two hospitals in the city of Santiago/RS. The methodology used originated from bibliographical research and from two questionnaires addressing the theme in practice. Based on the results, it was concluded that the pedagogue is still not recognized as an important member of the network of professionals, who can assist the sick child and it was also discovered about the importance of play and the toy library in the hospital and how hospital pedagogy can play an essential role together with the hospital pedagogue in the recovery of hospitalized children, ensuring their development and guaranteeing their basic rights, such as playing and developing.

**Keywords:** Pedagogy. Hospital Pedagogy. Playfulness.

- 1 Graduada de Licenciatura em Pedagogia. Universidade Federal do Pampa, UNIPAMPA, Brasil Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6366596127327786>. Orcid – <https://orcid.org/0000-0002-8586-2712>. E-mail: [jordanasilva.aluno@unipampa.edu.br](mailto:jordanasilva.aluno@unipampa.edu.br)
- 2 Mestre em Educação Física. Universidade Federal do Pampa. UNIPAMPA, Brasil. Lattes:<http://lattes.cnpq.br/1730941468769034>. ORCID – <https://orcid.org/0000-0003-0140-6996>. E-mail: [rafa.motta92@gmail.com](mailto:rafa.motta92@gmail.com)
- 3 Mestra em Ensino em Ciências e Saúde. Universidade Federal do Tocantins. UFT, Brasil. Lattes:<http://lattes.cnpq.br/5051493710435566>. ORCID – <https://orcid.org/0000-0001-7465-2587>. E-mail: [alderisep@hotmail.com](mailto:alderisep@hotmail.com)
- 4 Doutor em Educação. Universidade Federal do Pampa, UNIPAMPA, Brasil Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2009052579244052>. Orcid - <https://orcid.org/0000-0003-0737-9941>. E-mail: [profmauricioaires@gmail.com](mailto:profmauricioaires@gmail.com)
- 5 Doutor em Educação em Ciências, Química da Vida e Saúde. Universidade Federal do Tocantins - UFT, Palmas, Tocantins, Brasil. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5372413745002335>. Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-5280-6263>. E-mail: [kelberabrao@gmail.com](mailto:kelberabrao@gmail.com).

## Introdução

A pedagogia, de acordo com Melo (2012, p.2), é o campo de conhecimento que estuda sistematicamente o ato educativo e a prática educativa de maneira intencional, investigando fatores que favoreçam a construção do ser humano e seus processos de formação. Compreende-se seguindo essa afirmação que a pedagogia é um dos requisitos fundamentais para que a prática educativa agregue na formação de indivíduos e na configuração da sociedade. O pedagogo diante do contexto de sua ciência, torna-se indispensável, pois, como salientado por Lima & Mattos (2020) o seu trabalho tem início baseado em um grande pilar: a educação, e assim sendo:

a mesma torna-se indispensável, pois a educação abrange não somente a parte cognitiva ligada ao aprendizado, mas também, aos comportamentos, interações sociais, construção do saber, um cidadão crítico-reflexivo, entre outras importantes questões educacionais, além da própria cultura (LIMA & MATTOS, 2020, p. 17).

Entendendo a importância do pedagogo mediante seu trabalho, nota-se a não linearidade e muito menos limitação da área pedagógica que este profissional pode exercer, demonstrando que suas atividades não possuem barreiras e abrangem vastos contextos, corroborando com a afirmativa de Ghirdelli (1991, p.8), pois a “pedagogia consubstancia-se no polo teórico da problemática educacional. A pedagogia é a teoria, enquanto a educação é a prática”.

Neste contexto, Brandão (2007, p.14) aborda uma questão importante sobre educação a qual merece profundas reflexões: “A educação existe onde há redes e estruturas sociais de transferência de saber de uma geração a outra mesmo se não foi sequer criada à sombra de algum modelo de ensino formal e centralizada”. Assim sendo, compreende-se a amplitude da educação, entende-se que essa pode ir além de ambientes formais como as escolas, podendo ser contemplada com espaços não formais de ensino e também informais, de maneira que podemos aprender de forma contínua mesmo em espaços que não possuem objetivos definidos de ensino (ABRÃO, 2012).

Sabendo que gerações e sociedade podem ser influenciadores da educação de um indivíduo em espaços não formais e informais, cabe-nos buscar entender a dimensão da pedagogia e do trabalho do pedagogo, mesmo nos ambientes em que não são propriamente estipulados como escolas, por exemplo, dada a vasta gama de atuação que o pedagogo pode exercer, entre elas a educação informal, pois “ao pedagogo é lançado o desafio da formação humana, diante de uma realidade tão mutável” (MELO, 2012, p. 3).

Refletindo sobre espaços não formais e informais de ensino, cabe-nos destacar um espaço muito importante: o hospital. A Pedagogia Hospitalar dentro deste espaço não formal de ensino é:

aquele ramo da Pedagogia, cujo objeto de estudo, investigação e dedicação é a situação do estudante hospitalizado, a fim de que continue progredindo na aprendizagem cultural, formativa e muito especialmente, quanto ao modo de enfrentar a sua enfermidade, com vistas ao autocuidado e a prevenção de outras possíveis alterações na sua saúde (MATOS & MUGIATTI, 2009, p. 79).

A importância da Pedagogia Hospitalar vem à tona pelo viés de seu objetivo central, como é afirmado por Dias et al (2018, p. 86) que o de defender o direito básico de toda criança e também adolescente durante sua estadia no hospital, em prol da busca por respeito e cidadania, com oportunidades igualitárias na busca por integração ao paciente que se encontra internado. Entendendo sobre a Pedagogia Hospitalar, é importante frisar o papel do pedagogo e da sua formação mediante seu trabalho neste ambiente, pois:

os processos educativos são variados e o pedagogo precisa ser flexível, ético e comprometido com as transformações individuais e sociais. Isto implica em afirmar que a formação do pedagogo precisa ser direcionada para os multi espaços

educativos e não ficar restrito apenas aos espaços escolares (BEZERRA, 2019, p. 148).

Torna-se necessário compreender a variedade de opções, no qual o pedagogo pode exercer sua profissão, em destaque ao hospital, pelo motivo que “educação e saúde se encontram por meio da pedagogia hospitalar, processo que se objetiva preservar os direitos da criança independentemente do espaço ou situação que ela vivencie” (ROLIM, 2019, p. 14). Assim sendo, por meio da formação teórica e prática que o pedagogo possui esse profissional é capaz de lidar nos aspectos que abrangem “diversas interfaces como a política, a pedagógica, a psicológica, a social e a ideológica” (GASPAROTTO, 2011, p.14).

Dessa forma, a Pedagogia Hospitalar se analisada como direito fundamental a criança internada, exerce um papel inclusivo, de acordo com Caro e Acuña (2017, p. 46):

A pedagogia hospitalar surge da necessidade de responder aos meninos, meninas e jovens hospitalizados ou em tratamento ao seu legítimo exercício educacional e a ter acompanhamento durante seu processo de enfermidade, tudo em prol de sua qualidade de vida (...). A pedagogia hospitalar é uma educação inclusiva.

Essa inclusão pode ser proporcionada a crianças e jovens utilizando a ludicidade como ferramenta indispensável para tornar “menos traumática e dolorosa possível este período de permanência no hospital” (GABARDO, 2002, p.38), oportunizando momentos de interação, descontração e possibilitando a garantia do brincar e também do brincar, pois de acordo com Fontes et al (2010, p. 96-97):

Brincar é uma atividade inerente ao comportamento infantil e essencial ao bem-estar da criança, pois colabora efetivamente para o seu desenvolvimento físico/motor, emocional, mental e social, além de ajudá-la a lidar com a experiência e dominar a realidade.

O brincar é um ato primordial da infância, pois como afirmado por Ribeiro Et al (1997, p.56) “no mundo lúdico a criança encontra equilíbrio entre o real e o imaginário, alimenta a sua vida interior, descobre o mundo e torna-se operativa”, o que pode possibilitar a criança/jovem em situação de enfermidade momentos de reencontro com seus prazeres mesmo doente e estando em um espaço de vulnerabilidade e insegurança.

Compreendendo a pedagogia em um contexto amplo, o papel do pedagogo e os espaços não formais de ensino assim como os espaços informais, a Pedagogia Hospitalar e a importância do lúdico e do brincar, o presente trabalho visa conhecer a área pedagógica existente dentro da unidade pediátrica de dois hospitais público da cidade de Santiago/RS, buscando compreender as atividades lúdicas executadas dentro deste espaço do hospital junto as crianças internadas.

Vislumbrar a importância da pedagogia mediante a criança que se encontra hospitalizado torna-se muito relevante podendo originar diversificadas benesses em termos de desenvolvimento de mais pesquisas referentes ao tema, ao aprimoramento dos trabalhos pedagógicos e lúdicos dentro dos hospitais, assim como a valorização e a reafirmação das atividades que podem ser desenvolvidas pelos profissionais pedagogos dentro das pediatrias hospitalares com a finalidade de proporcionar a continuidade do desenvolvimento da pessoa, tanto física quanto emocional e cognitiva, visando proporcionar momentos e ambientes mais leves devido a delicada situação de vida no qual o paciente se encontra.

Este trabalho permeia-se da questão central sobre qual a relevância social do papel do pedagogo e de seu trabalho lúdico no tratamento de crianças dentro da pediatria de dois hospitais, devido ao fato de “o pedagogo ser o profissional mais capacitado para desenvolver práticas educativas no espaço hospitalar, pois apresenta as competências necessárias para trabalhar com o lúdico de forma pedagógica” (ANDRADE & SILVA, 2013, p.106).

Compreender a importância do profissional da educação dentro do hospital pode possibilitar “o ambiente mais humanizado e garantir que a criança viva sua infância sem prejuízos no período

de hospitalização” (ANDRADE & SILVA, 2013, p. 103), o que faz com que o trabalho do pedagogo possa tornar-se essencial para a continuidade no desenvolvimento da criança. Considerando o papel do pedagogo e seu dever perante este espaço, o mesmo deve auxiliar na garantia dos direitos essenciais da criança, como afirma Andrade e Silva (2013, p. 29):

O brincar no hospital passa a ser uma forma de garantir que a criança hospitalizada tenha seu direito concretizado, uma vez que se encontra em um espaço diferente do vivido cotidianamente e tem uma parte da sua vida interrompida, como a escolarização, as amizades, o lar, seus brinquedos, etc. Isso contribuirá para que a criança continue a desenvolver-se plenamente, concluindo as etapas da vida sem nenhum prejuízo.

Portanto, o brincar pode aproximar a criança de seus hábitos rotineiros, deixando o espaço de internação mais leve, proporcionando bem-estar mesmo em um momento delicado, pois de acordo com Oliveira (2008), a importância do brincar dentro do hospital vem colaborar e favorecer a criança a compreender o que se passa consigo, facilitando o trabalho realizado pelos profissionais da saúde e auxiliando na recuperação da criança enferma. O brincar é um dos fatores proporcionados pelo lúdico e a promoção de atividades neste contexto faz com que se traga, de acordo com reflexões de Gomes, Mattão & Rodrigues (2014), o atendimento a criança enferma de maneira integral, mesmo que esta esteja com o corpo físico adoecido e esteja a enfrentar a rotina hospitalar e a hegemonia proporcionada pelo adulto e mais ainda, a fragilidade infantil que se oriunda da sua própria doença.

## Referencial teórico

### A dialogicidade entre educação, direito e saúde

A educação é um dos meios mais efetivos de se desenvolver a sociedade e qualquer negação a mesma, como afirma Gomes (2017) é impedimento para o que o indivíduo possa ter acesso a um direito humano que é fundamental a sua existência. Corroborando com esse pensamento, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (BRASIL, 2020) afirma que a educação deve ser permeada pelos princípios de liberdade e solidariedade, contemplando o pleno desenvolvimento do indivíduo, preparando-o para a cidadania e oportunizando qualificações para o trabalho (SALES et al, 2019)..

Contemplando a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional LDBEN/96 é, portanto, indispensável pensar sobre o desenvolvimento de sujeitos na infância e que gozam de saúde e oportunidades, mas torna-se indispensável refletir sobre aqueles indivíduos que se encontram em um momento delicado na vida. A partir disso, nossa intuição neste artigo, versa sobre a necessidade de pensarmos uma internação hospitalar na infância, partindo da compreensão que educação é um direito primordial para o desenvolvimento do sujeito em seus diversos contextos, o que aflora a necessidade de

visualizar a Educação no âmbito da Saúde, pois ela nos acompanha desde o nascimento até a morte, e por ser dessa forma, Educação é vida, e vida é Saúde, portanto Educação e Saúde estão intimamente associadas e ligadas às nossas aprendizagens enquanto sujeitos vivos (ANDRADE & SILVA, 2013, p. 44).

Ao tratar sobre temas importantes como a saúde e educação é imprescindível questionar como os processos educacionais e lúdicos acontecem dentro dos ambientes hospitalares ou se estes acontecem, visto que “(no hospital educação e saúde são campos do saber que podem e devem

dialogar, com a intenção de garantir o direito da criança e a reabilitação da sua saúde, reconhecendo suas necessidades lúdicas e afetivas”, partindo da compreensão de que qualquer indivíduo está propenso a passar pela situação de internação hospitalar, inclusive na infância (ANDRADE & SILVA, 2013, p.91). Abrangendo os contextos: educação, saúde e infância, os autores Freitas & Ortiz (2005, p. 43-44) trazem a questão de que:

O hospital também pode ser percebido como uma agência educativa oportunizando ao paciente experimentar não vivências do ensino formal apenas, mas como ideário do currículo oculto, formas de ganhar experiência no enfrentamento da hospitalização, na superação da morte, na sabedoria de perseguir sistematicamente o desejo de vida, na maturidade emocional e na estruturação de uma personalidade receptiva à evolução.

Entende-se então, que educação pode acontecer dentro de diversificados locais e espaços, sejam eles formais ou não, e podem dar origem a interações e construções de diversos conhecimentos, por meio de vários sujeitos e situações vivenciadas pelo indivíduo (GOMES, FERREIRA, RODRIGUES, 2020). Corroborando com esse pensamento Brandão (1981, p.7) relata que “não há uma forma única nem um único modelo de educação: a escola não é o único lugar em que ela acontece e talvez nem seja o melhor, o ensino escolar não é a única prática, e o professor não é o seu único praticante”. Tal fato nos leva a considerar então que o hospital pode tornar-se um grande agente fomentador de educação informal, o que traz uma reflexão profunda sobre o aproveitamento dos espaços hospitalares mediante a crianças internadas e o desenvolvimento das mesmas dentro das pediatrias e sobre os profissionais da educação dentro das alas hospitalares (SILVA et al, 2021; SANTOS, QUIXABEIRA, ABRÃO, 2020).

Dando ênfase a Educação Informal, esta se caracteriza por ser um processo que dura a vida inteira em que as pessoas adquirem e acumulam conhecimentos, habilidades, atitude e modos de discernimento por meio de experiências diárias e de sua relação com o meio. (TRILLA, 2008, p. 33). Assim sendo, a Educação Informal está diretamente relacionada ao papel que o pedagogo pode exercer no contexto hospitalar, mediando experiências e tornando a relação do paciente com o meio mais suave e lúdico. Assim sendo, as práticas de Educação Informais, de acordo com Severo (2015, p. 569)

não se desdobram de um processo em que haja decisões quanto ao tempo, ao espaço, ao conteúdo, às metodologias para operacionalizar objetivos educativos. Elas ocorrem espontaneamente ou como efeito secundário desdobrado de processos diversos dos quais não se diferenciam e por meio deles levam as pessoas a adquirirem conhecimentos, hábitos, modos de percepção da realidade com base na experiência e nas amplas relações sociais.

Assim sendo, a Educação Informal caracteriza-se como uma forma de educação que tem como fundamento as relações sociais e experiências, em que o momento vivido pelo sujeito pode auxiliá-lo a usufruir das novas aprendizagens sejam elas mediadas por profissionais da educação ou não, como no caso da família e sociedade e no caso, das experiências vivenciadas nas unidades hospitalares na qual o indivíduo vai se encontrar por determinado tempo, aprendendo mesmo que inconscientemente (FERREIRA, SANTOS 2021).

O pedagogo com seu caráter fundamental, pode beneficiar esses novos conhecimentos espontâneos, pois “nas várias esferas da sociedade, surge a necessidade de disseminação e internalização de saberes e modos de ação [...], acentuando o poder pedagógico dos vários agentes educativos na sociedade” (PIMENTA; ANASTASIOU & CAVALLET, 2003, p. 268), o que torna a Educação Informal dentro dos ambientes hospitalares um momento rico de contínuo desenvolvimento e aprendizado para a criança, mesmo sem conteúdo e disciplinas pré-estabelecidas e sim, de forma natural.

Corroborando com a afirmativa, é importante salientar como o contexto vivido pelo indivíduo

engloba e interfere em diversos aspectos de sua vida, sejam eles físicos, psicológicos, cognitivos e entre tantos outros, pois a integração de fatores resulta na construção do ser (NASCIMENTO et. al 2020). A oportunidade de contemplar diversas esferas do desenvolvimento no qual formam a identidade mesmo dentro de uma unidade hospitalar pode tornar-se garantia de direito básico, de desenvolvimento pessoal, social e também, de cidadania.

Na garantia de direitos básicos as crianças internadas, por meio da Lei nº 11.104/2005 (BRASIL, 2005, p. 1), é disposto sobre a obrigatoriedade de haver dentro das unidades de saúde espaços de brinquedoteca voltadas aos momentos de internação infantil, e em síntese os artigos 1º e 2º, trazem à tona a obrigatoriedade das brinquedotecas nas dependências hospitalares e ainda fomentam a garantia de que os espaços de brinquedoteca devem contar com brinquedos e jogos educativos com a finalidade de serem ofertas à criança enferma e também, aos seus acompanhantes. Apesar desta lei ser considerada um avanço em termos legais visando o desenvolvimento da criança enferma, não há documentos ou leis que abranjam mais profundamente o tema, nem as características que os espaços de internações infantis devem ter, muito menos o profissional que deveria atuar neste espaço mediante seleção de materiais, brinquedos e atividades (ANDRADE et al, 2021).

Compreendendo o contexto da criança internada, a Resolução N° 41, de 13 de outubro de 1995, do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1995, p. 1) abordam questões no seu artigo oitavo e nono sobre o respeito à fase cognitiva na qual a criança se encontra visando cuidados terapêuticos e ainda sobre a necessidade de formas de recreação e de programas envolvendo a educação e também a saúde durante o tempo em que estiver internada (ABRÃO, 2013). Portanto, no contexto de leis sobre o período de internação e sobre a necessidade de brinquedotecas no espaço de internação, o pedagogo pode tornar-se, segundo Andrade & Silva (2013, p. 83) “um parceiro crucial nessa luta em prol da educação e do resgate da saúde no contexto do hospital”.

De acordo com Portela (2009, p.2) “a garantia de direitos da criança hospitalizada, não se limita somente ao tratamento da doença, mas envolve ações que possam amenizar a experiência, muitas vezes negativa e dolorosa, correntes da privacidade da sua rotina e dos espaços que lhe são próprios” e assim, portanto, questões que envolvem conceitos sobre direitos, educação e saúde devem ser questionados e analisados visando a sua união em prol da recuperação e bem-estar das crianças que se encontram enfermas e que passam curtos ou longos períodos internadas em hospitais buscando a reabilitação de sua saúde física (ABRÃO, 2013).

## **A essencialidade da pedagogia hospitalar e do pedagogo multiprofissional**

De acordo com Montessori (2010, p. 74-75), a saúde é por si só é um emaranhado de fatores, pois:

O espírito sadio torna o corpo sadio; isto é, o corpo, para ter saúde, deve permanecer unido a um espírito normal lúcido. A saúde é todo um complexo: uma doença, uma fraqueza física, que depende de fatores psíquicos, provoca multidão de fenômenos contraditórios não somente em adultos, mas muito mais ainda em crianças. A dificuldade que estas exprimem em se adaptar a um ambiente criado pelo adulto; a opressão que, tão frequentemente, o adulto exerce sobre elas sem mesmo dar-se conta disso, oprime a alma infantil, que não pode defender-se nem com palavras nem com atos: tudo isso enfraquece, ao mesmo tempo, o corpo e o caráter da criança. Fazer com que se “sintam compreendidas” assistidas satisfatoriamente em suas reais necessidades, é abri-lhes as portas da saúde.

Por meio do pensamento profundo de Montessori, é fundamental compreender como os ambientes que são criados pelos adultos para a infância muitas vezes não contemplam características infantis e em destaque no momento da internação hospitalar, no qual a criança encontra-se debilitada dentro de uma extensa gama de doenças existentes, contemplar esse momento por meio de um ambiente apropriado a sua condição infantil é essencial (FERREIRA, SANTOS, 2021).

Assim sendo, uma grande mediadora entre crianças hospitalizadas, as necessidades e características infantis e a educação deve ser a pedagogia hospitalar, pois essa caracteriza-se por ser:

um direito dos sujeitos que se encontram hospitalizados e consiste numa prática educativa inclusiva focada na atenção humanizada e no cuidado essencial àqueles que, acometidos por uma patologia aguda ou crônica, precisaram se afastar do convívio da família, da escola, da igreja e das demais instituições onde possuem uma rotina, para serem submetidos ao tratamento por tempo (in)determinado. (ANDRADE & SILVA, 2013, p. 19).

A Pedagogia Hospitalar pode oferecer a possibilidade de garantir o direito educacional dos internados, em especial na infância, fazendo um elo solidificado entre educação e saúde, compreendendo a plenitude infantil. Esta área da pedagogia visa contribuir para um espaço mais humano, garantindo que a criança possa, de certa forma, não sentir tantos anseios mediante ao momento de vida na qual está passando, vindo a contribuir então, “para a inovação da assistência clínica infanto-juvenil, nos múltiplos procedimentos, trazendo muitos benefícios à criança hospitalizada”(MATOS & MUGIATTI, 2009, p. 85).

No que diz respeito a Pedagogia Hospitalar, é válido destacar que este ramo da educação se torna indispensável para que a criança internada possa continuar “progredindo na aprendizagem cultural, formativa e muito especialmente, quanto modo de enfrentar a sua enfermidade, com vistas ao autocuidado e a prevenção de outras possíveis alterações na sua saúde” (MATOS & MUGIATTI, 2009, p.79). Tal fato faz com que a Pedagogia Hospitalar seja um rico fator de contribuição para com a criança internada principalmente e além dessa, com a equipe médica responsável e também, com a família da criança enferma (SANTOS, QUIXABEIRA, ABRÃO, 2020).

Para que a Pedagogia Hospitalar possa de fato se consolidar, o pedagogo é peça primordial devido ao entendimento fundamental de sua formação baseada na concepção que “a criança é um sujeito completo”, como afirmado por Andrade & Silva (2013, p. 90). Por compreender essa integralidade, o pedagogo tem possibilidades de assumir um papel multiprofissional, além de ser um intermediador nas unidades hospitalares facilitando processos terapêuticos, pois, aliando seus conhecimentos teóricos e práticos pode orientar um trabalho humanizado (SANTOS, QUIXABEIRA, ABRÃO, 2020).

Corroborando com o pensamento de Silva & Cardoso (2011, p.2), é urgente refletir sobre como “a presença do pedagogo no hospital é essencial, uma vez que não existe fronteira para a ação educativa”, o que torna a figura do profissional pedagogo de fundamental importância no hospital, considerando que para a criança o momento de estar doente e não frequentar a sua rotina diária pode originar inúmeras incertezas, pois “o hospital é um ambiente que oferece uma certa privação nos estímulos fundamentais ao desenvolvimento infantil, por não contar, geralmente, com atividades que levem em consideração as questões sociais, emocionais e motoras da criança” (MENEZES, 2004, p.29 apud LEITÃO, 1990).

Consequentemente, as experiências vivenciadas dentro das alas pediátricas podem ser muito dolorosas e traumáticas para a criança, pois tal fato pode resultar não somente na privação de saúde física, mas, também, provocar desequilíbrio emocional na criança que vivencia esse momento, o que faz com que o pedagogo possa tornar-se essencial para o acompanhamento infantil no hospital e transformar esse momento o mais agradável possível. É necessário considerar o desenvolvimento do enfermo, oportunizando atividades que contemplem a faixa etária que a criança se encontra, abrindo possibilidades para que a mesma possa continuar aprendendo e

encontrando-se como criança com atividades lúdicas e brinquedos, mesmo dentro de um hospital (SANTOS, QUIXABEIRA, ABRÃO, 2020).

Na infância, a criança passará por diversas situações de cunho positivo e negativo e torna-se indispensável que ela passe por essas variadas situações para sua maturidade emocional, porém, há meios pertinentes para que essas novas situações sejam vivenciadas. De acordo com Ferreira & Pretto (2012, p. 2) os momentos de vida da criança internada podem ser trabalhados “em forma simbólica sobre como ela pode lidar com essas questões da vida e crescer”. No contexto de formas simbólicas o pedagogo torna-se o profissional mais apto a contemplar essa condição, pois conta experiências na sua formação profissional que contemplam a infância e a educação, e acabam por capacitá-lo para intervir e orientar adequadamente nos processos variados que acontecem com indivíduos especialmente na infância e que podem trazer benefícios nos momentos vividos nas internações nas alas pediátricas.

É importante considerar que “no hospital, o internado muitas vezes é atendido levando-se em consideração apenas o tipo de enfermidade, dessa forma, seu tratamento ocorre de maneira unilateral, sem que haja preocupação com sua vida social, afetiva e psicológica” (SILVA & CARDOSO, 2011, p.2). Nesse contexto o pedagogo pode oportunizar um ambiente leve e ligado a características infantis e que despertam interesses, curiosidade e distração para melhor enfrentamento da situação vivenciada pela criança, por meio de um ambiente voltado a ludicidade, pois a criação de ambientes lúdicos podem contribuir diretamente na quebra de características espaciais do hospital, o que acaba por torna-se primordial para a criança internada na busca por seu equilíbrio tanto físico, quanto emocional, cognitivo e social (OLIVEIRA, 2008).

O pedagogo torna-se o profissional capacitado a trabalhar o lúdico de forma a colaborar com as crianças internadas e dentro da realidade do hospital pelo fato que, na Resolução do Conselho Nacional da Educação, n 1, de 15 de maio de 2006 no artigo segundo (BRASIL, 2006), compreende que o estudante de Licenciatura em Pedagogia trabalhará com vasto repertório dada a grande pluralidade de conhecimentos teóricos e práticos de seu curso, com princípios respaldados em interdisciplinaridade, democratização, relevância social, sensibilidade, entre outras. Assim sendo, Gasparotto (2011), traz à tona a questão sobre que a exclusão de professores no hospital torna-se a exclusão de profissionais que podem auxiliar e também colaborar com a equipe médica, na busca pela recuperação da criança doente, assim como na busca pelo seu equilíbrio emocional.

## **A primordialidade do lúdico no hospital**

Ambientes e atividades lúdicas desenvolvidas pelo pedagogo no hospital tornam-se muito importantes pelo fato da ludicidade originar, de acordo com Linhares & Loredo (2014, p.7) “a sensação de prazer superior a sensação de sofrimento, reestruturando o indivíduo e auxiliando na superação do sofrimento da internação” que traria, em síntese, o bem-estar na criança enferma garantindo além de parâmetros legais, como o direito a educação e a proteção à infância, mas também valorização da integralidade do ser humano que é o indivíduo no período da infância, da sua fragilidade e do resgate a sua condição infantil.

A ludicidade pode torna-se um rico recurso utilizado pelo profissional pedagogo pelos diversificados contextos que este recurso pode abranger por meio de brinquedos e brincadeiras alcançando o imaginário infantil. Dentro dos hospitais, em especial, a necessidade de utilização do lúdico se amplia pelo fato da criança estar em vulnerabilidade emocional, podendo então transformar a presença do pedagogo em um grande auxiliador na atuação da equipe médica e de enfermeiros, contribuindo com o processo de recuperação no qual a criança se encontra, pois, de acordo com Gomes, Mattão & Rodrigues (2014, p. 12), “o lúdico é algo prazeroso que traz alegria e resgata a condição de ser criança. A criança mesmo acamada vira outra e em consequência disso, ela vai sentir-se mais próximo do normal se afastando da doença”. Por isso, para além da ludicidade e de pedagogos incluídos no universo hospitalar, a formalização de um espaço apropriado a características da infância torna-se indispensável, pois



A construção de espaços lúdicos no ambiente hospitalar contribui para transformações nos paradigmas que caracterizam o hospital apenas como local de tratamento médico-hospitalar voltados para diagnosticar e intervir em patologias. Mas como lugar que ocorre interações sociais pode-se concluir que o lúdico no hospital contribui nos processos de relações interpessoais, na criação de espaços de comunicação e desenvolvimento (GOMES, MATTÃO & RODRIGUES, 2014, p. 13).

No que diz respeito ao ambiente lúdico, esse pode proporcionar momentos de trocas entre pedagogo-enfermo, entre enfermo-pedagogo e por meio destas trocas auxiliar no contínuo desenvolvimento da criança, tornando-se essencial pelo fato que “a criança ou adolescente enfermo, por ser um cidadão como qualquer outro, tem direito a um atendimento de qualidade e voltado para os seus interesses do dia a dia” (SILVEIRA & PAULA, 2016, p.13), colaborando assim para que, durante o período de sua internação, a criança enferma possa estar mais próxima possível de sua condição infantil.

Contemplando a infância e suas peculiaridades no momento da internação, brota-nos o ideal de que um espaço apropriado a criança seja aquele com espaços lúdicos que possam ser como brinquedotecas, paredes animadas por personagens, brinquedos acessíveis e adequados a faixas etárias e desenvolvimento. Torna-se primordial que concomitante à junta médica e de enfermagem possa haver um pedagogo, pois este é capacitado para atender as crianças contemplando um olhar para além patologia, tornando o contexto hospitalar uma fonte de inclusão, pois, como afirma Aranha (2010, p. 56):

a ideia de inclusão se fundamenta em uma filosofia que reconhece e aceita a diversidade na vida em sociedade. Isto significa garantia de acesso de todos a todas as oportunidades independentemente das peculiaridades de cada indivíduo ou grupo social.

Alinhado aos ideais de inclusão dentro do hospital, os ambientes e profissionais podem beneficiar a criança enferma para um momento de internação menos hostil. Dessa forma, abordagens pedagógicas e lúdicas como atividades, brinquedos e espaço físico pode oportunizar “a continuidade do desenvolvimento e da aprendizagem que são interrompidas devido a uma doença mais severa” (SILVEIRA & PAULA, 2016, p. 38), no caso de internações mais longas e garantir assim, que cada criança internada brevemente ou a longo prazo possa manter seus vínculos infantis mesmo vivenciando um momento delicado de enfermidade.

Corroborando com o conceito sobre o lúdico como essencial ao tratamento das crianças que estão internadas juntamente com a importância que o brincar agrega em seus tratamentos médicos no momento da internação hospitalar, o trabalho que o pedagogo pode desenvolver, de acordo com Silva (2018) é o de acompanhar o indivíduo, trazendo-as certo conforto emocional como confiança e coragem para enfrentar seu tratamento melhor e ainda desenvolver o cognitivo dos pacientes por meio das atividades lúdicas e brincadeiras, pois “o pedagogo possui ferramentas capazes de promover a interação entre a criança, a família, a escola e o hospital, diminuindo assim os traumas causados pela internação e contribuindo para uma interação social” (SILVA, 2018, p.27).

Assim sendo, a Pedagogia Hospitalar surge

com o devido respaldo científico, vem se constituir na exata e necessária resposta: vem contribuir, no âmbito da Ciência do Conhecimento, para uma inovadora forma de enfrentar os problemas clínicos, com elevado nível de discernimento. Trata-se, justamente, do desenvolvimento de ações educativas, em natural sintonia com as demais áreas, num trabalho integrado, de sentido complementar, coerente e cooperativo, numa fecunda aproximação de benefício do enfermo, em situação de fragilidade ocasionada pela doença (MATOS, MUGIATTI, 2009, p. 16).

As ações educativas que podem ser originadas dentro das unidades hospitalares, como a brinquedoteca, por exemplo, tornam evidente a necessidade sobre a reflexão da “presença de pessoas qualificadas para tomar conta das mesmas e responsabilizar-se pelas crianças” (SOUZA & MARTINS, 2013, p. 127). É válido salientar, portanto, que nem todos os hospitais que possuem brinquedoteca consideram este um espaço sério e de colaboração a estabilização da saúde da criança, tornando-se somente um “depósito de brinquedos” sendo que uma das principais explicações para tal fato seja justamente a falta de pessoas que façam bom uso do espaço físico, das brincadeiras, da manutenção e também da escolha dos brinquedos (SOUZA & MATINS, 2013). Por meio da brinquedoteca e da garantia do lúdico no tratamento de crianças enfermas dentro dos hospitais se pode garantir direitos básicos como indivíduos, prezando assim por uma recuperação plena por meio da humanização proporcionando também, o lazer.

## Metodologia

Esta pesquisa se classifica como de natureza básica, pois, como afirmado por Silveira & Córdova (2009, p.34) “objetiva gerar conhecimentos novos, úteis para o avanço da Ciência, sem aplicação prática prevista” e de acordo com os mesmos autores envolverão verdades e interesses de cunho universal. Os autores Bastos & Keller (1995, p. 53) definem que a pesquisa científica “é uma investigação metódica acerca de um determinado assunto com o objetivo de esclarecer aspectos em estudo” e no caso da pesquisa deste trabalho, esta tem o objetivo de compreender a representatividade social do papel do pedagogo juntamente com a pedagogia hospitalar na busca por entender a realidade atual.

No que diz respeito a abordagem do problema, a pesquisa direciona-se ao cunho qualitativo pois, “as ciências humanas têm sua especificidade – o estudo do comportamento humano e social” (CHIZZOTTI, 2000, p. 79). Silveira & Córdova pontuam que (2009, p. 31), a pesquisa qualitativa não se preocupa somente com a representatividade numérica, mas se aprofunda da compreensão do grupo social, da organização, entre outros. Essa escolha se dá pelo fato de

Os pesquisadores que utilizam os métodos qualitativos buscam explicar o porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito, mas não quantificam os valores e as trocas simbólicas nem se submetem à prova de fatos, pois os dados analisados são não-métricos (suscitados e de interação) e se valem de diferentes abordagens. (SILVEIRA & CÓRDOVA, 2009, p.32)

Quanto aos objetivos delimitados, será realizada uma pesquisa exploratória, buscando “propor maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses.” (SILVEIRA E CÓRDOVA, 2009, p. 35), de modo científico. A pesquisa exploratória tem características flexíveis, como abordado por Schwartz et. al. (2020) e, portanto, permite que o estudo seja visto com diversificados ângulos e aspectos, envolvendo o levantamento bibliográfico, assim como entrevistas nos dois hospitais que tiveram e têm contato com as experiências e práticas do problema que está sendo pesquisado.

A pesquisa teve como base diversos estudos bibliográficos e como é afirmado por Prodanov & Freitas (2013, p.54) é elaborada a partir de materiais que já foram publicados com a pesquisa de artigos, monografias, teses, e bibliotecas virtuais, abrangendo o máximo do campo pesquisado sobre os temas: os papéis exercidos pelos profissionais pedagogos, a Pedagogia Hospitalar, Brinquedoteca Hospitalar, leis educacionais, a importância dos brinquedos terapêuticos, pedagogos hospitalares, educação formal, não formal e informal.

Na pesquisa foi utilizado um questionário com nove questões abertas, pois essa modalidade de perguntas “permitem liberdade ilimitada de respostas ao informante. Nelas poderá ser utilizada linguagem própria do respondente. Elas trazem a vantagem de não haver influência das respostas pré-estabelecidas pelo pesquisador” (CHAER et al, p. 262).

A pesquisa foi realizada respeitando todos os preceitos éticos estabelecidos para estudos com seres humanos estabelecidos na Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, sendo

analisada e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Estadual do Tocantins-UNITINS, sob o número do Parecer Consubstanciado— CAAE: 33603520.5.0000.8023.

O questionário foi preenchido por dois profissionais que trabalham em dois hospitais na cidade de Santiago, no interior do Rio Grande do Sul, sendo eles um assistente social e um enfermeiro (ambos responsáveis pelo setor) que se mostraram interessados ao tema e se propuseram a participar da pesquisa.

O questionário traz questões sobre o espaço destinado a internação infantil e brinquedoteca, a Resolução N. 41/1995 art.13 (BRASIL, 1995), os membros da equipe de atendimento pediátrico, a existência ou não de pedagogo ou psicopedagogo e os impedimentos ou benefícios de contar com o mesmo e sobre a opinião dos profissionais sobre o pedagogo hospitalar, sobre o espaço hospitalar e os espaços lúdicos apropriados a infância. Conta, também, com questões sobre a importância do lúdico e do brincar para o desenvolvimento infantil, sobre os estímulos que o hospital dispõe para criança internada e ainda, sobre como é feita a seleção prévia dos jogos, brinquedos e atividades para as crianças enfermas.

Além de perguntas sobre a equipe de atendimento a criança internada e o posicionamento dos hospitais sobre a sua colaboração para o desenvolvimento infantil por meio do brincar. Segundo Prodanov & Freitas (2013, p. 44) a pesquisa procura respostas e podemos as encontrar ou não. Dessa forma, a pesquisa foi conduzida como um processo e não apenas como coleta de dados.

Ambos profissionais tiveram ciência sobre a colaboração com a pesquisa para assunto de conclusão de curso para a literatura disponível e a garantia ao sigilo dos participantes, no qual transcreveremos como “Hospital Brincar” e “Hospital Lúdico”.

## Discussão de resultados

O questionário foi conduzido buscando responder as indagações iniciais que conduziram este artigo e de seu objetivo central que era a de compreender a relevância social que o pedagogo e seu trabalho lúdico podem exercer sobre o tratamento de crianças dentro das pediatrias dos hospitais e seus demais objetivos, como acentuar a importância do papel social do pedagogo para além dos espaços formais de ensino; a verificação das alas pediátricas e a ocorrência ou não de trabalhos pedagógicos e lúdicos nesses espaços; a discussão da necessidade de pesquisas sobre a pedagogia dentro dos ambientes hospitalares e a demonstração da importância do trabalho pedagógico lúdico infantil, o brinquedo e o brincar como seus benefícios dentro dos hospitais.

Na primeira questão foi indagado sobre os espaços destinados a internação infantil e a existência de brinquedoteca ou espaço semelhante e como o espaço é utilizado. O profissional do Hospital Brincar responde com a inexistência um espaço que contemple somente a pediatria, salientando que o hospital atende mais em caráter emergencial e transfere casos específicos, como no caso, as crianças e, portanto, não possui brinquedoteca, mas sim, apenas um espaço lúdico pequeno que conta com mesa, objetos de desenhos e poucos brinquedos. Já o profissional do Hospital Lúdico relata espaço destinado à recreação infantil conta com uma sala de brinquedoteca, na qual possuem brinquedos, jogos educativos, materiais de desenho e pintura que se destinam a criança e seus acompanhantes e também, para escuta da criança internada em casos específicos, de maneira mais descontraída.

Valendo-se da compreensão da brinquedoteca, Viegas (2008, p. 11) explicita que é “um espaço no hospital, provido de brinquedos e jogos educativos, destinados a estimular as crianças, os adolescentes e seus acompanhantes a brincar no sentido mais amplo possível e conseguir sua recuperação com uma melhor qualidade de vida”. Assim sendo, compreende-se que alguns hospitais ainda não consideram estes espaços necessários, visando amenizar ou apaziguar esta criança em processo de recuperação; e assim contemplando suas características de infância, considerando, principalmente, que o brincar no hospital humaniza o atendimento,

Na segunda questão fora mencionado sobre o questionamento se os espaços da unidade pediátrica eram voltados à infância com espaços coloridos/lúdicos, móveis adequados, brinquedos e livros com fácil acesso e se esses espaços e objetos contemplavam as características infantis. Na resposta, ambos os hospitais afirmam não contar com móveis nos quartos apropriados as crianças, como mesas, acessórios e espaços coloridos e apenas no hospital Lúdico, se relata um espaço

apropriado em uma determinada ala na qual se localiza a brinquedoteca, destinado as crianças que visa o bem-estar do paciente internado e do seu acompanhante destinado a criar uma esfera amigável e também alegre. O hospital Lúdico ao referir-se ao paciente e acompanhante respondeu concomitante a questão oitava do formulário, na qual pergunta se o espaço da brinquedoteca é destinado a estimular as crianças e também seus acompanhantes.

Forneiro (1998, p. 233) aborda a questão de como o ambiente no qual vivemos nos possibilita sensações, recordações e nos perpassa segurança ou a própria inquietação, mas que independentemente do ambiente que estamos inseridos como indivíduos não estamos alheios ou indiferentes a ele. Esta afirmação ressalta a importância que o espaço físico promove sensações aos indivíduos e considerando a infância em um momento delicado ainda mais em um período como da internação hospitalar, esse aspecto mereceria destaque e atenção, visando contemplar características da infância e do seu pertencimento ao ambiente que é pensando neste momento. Nesse sentido, Rolim (2011, p. 11)

A hospitalização atende as normatizações e os protocolos médicos, procedimentos que o paciente necessita seguir em busca do restabelecimento da saúde. Esses procedimentos apresentam objetivos fundamentais, tratam do cuidar e buscam a subsistência humana, a continuidade da vida. Porém, as perdas de referências e de espaços, abalam o sentimento de identidade, favorecendo o desenvolvimento de um processo conhecido como despersonalização. Situação que pode ocorrer em qualquer fase do desenvolvimento humano, mas que consegue ser devastadora quando atinge a criança, ou seja, uma personalidade em fase inicial de construção.

Dessa forma, espaços lúdicos e infantis que contemplem características da infância de modos físico (ambiente) ou lúdicos, visando a infância em detalhes voltados a imaginação, criatividade, alegria e divertimento podem contribuir para quebrar as características hospitalares espaciais focado mais especificamente sobre a doença do sujeito, como afirmado por Oliveira (2008), o que contribuiria positivamente e ricamente na recuperação da saúde da criança que se encontra internada e impediria a despersonalização de aspectos primordiais da sua vivencia enquanto criança.

Ainda com referência à segunda questão, sobre os espaços da unidade pediátrica, os profissionais dos dois hospitais consideram que o momento da internação hospitalar deve proporcionar momentos de alegria, descontração e diversão as crianças internadas, pois estas estão em certo modo de sofrimento, estresse e angústia, para que enfrentem o momento delicado na qual se encontram da melhor maneira possível, incluindo os responsáveis pelas mesmas.

Portanto, os espaços lúdicos voltados a infância podem trazer aspectos que favoreçam o bem-estar e o desenvolvimento da criança enferma de modo integral, tanto físico quanto psicológico. Com o intuito de contribuir com os momentos supracitados é que então as brinquedotecas foram instituídas para que

fossem menos traumatizantes, mais alegres e de minimizar os traumas de uma internação, as brinquedotecas hospitalares foram criadas. Na brinquedoteca as crianças encontram brinquedos para se distrair, pois lúdico é um estimulador e quando a criança entra neste mundo mágico pode criar e recriar o seu próprio mundo (SILVA & MATOS, 2009, p. 10607 – 10608).

Na terceira questão foi abordado se o protocolo utilizado pela equipe de profissionais da pediatria possibilita, de acordo com a Lei dos Direitos das Crianças e Adolescentes Hospitalizados (Resolução n. 41/1995), art. 13, o direito de receber todos os recursos terapêuticos disponíveis para a cura, reabilitação ou prevenção, incluindo o brincar. O hospital Brincar não respondeu a questão e o Hospital Lúdico trouxe a resposta de forma afirmativa, garantindo que o hospital proporciona

recursos terapêuticos incluindo o brincar por haver um espaço que se destina a essa finalidade, ou seja, o brincar. Para os autores Gomes & Matão (2014, p.13) “as construções desses espaços nos hospitais contribuem para quebra de possíveis paradigmas como o do hospital sendo um ambiente somente para diagnóstico e tratamento de doenças, mas um espaço que pode promover interações sociais, comunicação e também, o desenvolvimento infantil”.

Mirtre (2004, p.147) traz seu posicionamento de que “o brincar pode contribuir para que se (re) signifique o modelo tradicional de intervenção e cuidado de crianças hospitalizadas” e, portanto, criar espaços que proporcionem condições a brincadeira infantil e o contato com o contexto da própria infância, como espaços coloridos, móveis adequados, brinquedos apropriados e acessíveis podem auxiliar ricamente no cuidado a criança que se encontra em condição hospitalar, fazendo com que:

o brincar no hospital passa a ser uma forma de garantir que a criança hospitalizada tenha seu direito concretizado, uma vez que se encontra em um espaço diferente do vivido cotidianamente e tem uma parte da sua vida interrompida, como a escolarização, as amizades, o lar, seus brinquedos, etc. Isso contribuirá para que a criança continue a desenvolver-se plenamente, concluindo as etapas da vida sem nenhum prejuízo (ANDRADE & SILVA, 2013, p. 29).

Entre diversificados benefícios, a importância do brincar no período de internação vem colaborar com o equilíbrio emocional da criança, visto a atividades de brincadeira, mesmo que espontâneas podem auxiliá-la na compreensão do que está acontecendo consigo no momento, pois, como é afirmado por Kishimoto & Friedmann (1998, p.59), as consequências psicológicas na criança, devido a sua internação são variadas, e torna-se essencial garantir neste contexto seu equilíbrio tanto físico quanto emocional e também intelectual, garantindo que tanto o jogo quanto o brincar sejam indispensáveis neste momento, pois se o ambiente não proporcionar o brincar a criança, pode acabar por propor comprometimentos ao desenvolvimento e equilíbrio emocional do indivíduo.

O contexto do brincar corrobora com a questão sétima do formulário, na qual foi abordado sobre o momento da internação da criança que por ser um momento delicado poderia proporcionar o lúdico e a continuidade do desenvolvimento infantil. Os dois hospitais refletem sobre esse momento como delicado, mas que pode sim auxiliar no contínuo desenvolvimento da criança independentemente do tempo que fique sobre cuidados médicos de maneira a amenizar as sensações oriundas do meio hospitalar. Os autores Silva & Matos (2009, p. 10604) ainda salientam que “a criança hospitalizada não deixa de ser criança e precisa brincar, pois o papel dos jogos e brincadeiras é garantir o seu equilíbrio emocional e intelectual”.

É afirmado por Souza & Martins (2013, p.127) que um dos objetivos das brincadeiras dentro das unidades hospitalares não se baseiam somente em recreação, mas sim, contemplar a utilização do brinquedo como um método de explorar suas características e sentimentos como sujeitos, além da própria comunicação com a criança. Teixeira & Kishimoto (2021, p. 267) afirmam que

Levar o brincar para dentro do hospital é o desafio de criar um espaço que respeite à infância, mas requer adequação às exigências da institucionalização. A imersão na atmosfera hospitalar significa sentir na pele a experiência de pertencer a um ambiente com características próprias. Requer a vivência da internação dentro do contexto de limitações próprias das situações cotidianas do hospital.

Considerando a importância de criar dentro do ambiente de internação infantil dos hospitais um espaço que contemple a infância, o pedagogo pode ser um profissional que pode agregar ricamente a este processo. A quarta questão do formulário, diz respeito aos membros da equipe de atendimento pediátrico e foi questionado a existência ou não de pedagogos e

psicopedagogos e o motivo de se haver ou não esse profissional fazendo parte das equipes. As respostas dos Hospitais Brincar e Lúdico foi a inexistência de pedagogo ou psicopedagogo fazendo parte da equipe de atendimento as crianças internadas ou nos espaços lúdicos e de brinquedoteca. A explicação do Hospital Brincar é a falta de demanda infantil que careça desse atendimento. O Hospital Lúdico, não explicita o motivo de não se haver pedagogo/psicopedagogo no ambiente de internação infantil mesmo havendo espaço de brinquedoteca na ala pediátrica.

Na quinta questão, foi questionado os impedimentos de se haver o pedagogo para complementar o trabalho das equipes de saúde, tornando-se um trabalho multiprofissional. No relato dos Hospitais, é afirmado que não ocorrem impedimentos de se haver um pedagogo dentro da equipe de saúde e ambos complementam que consideram o atendimento pedagógico essencial, compreendendo o momento delicado no qual a criança se encontra, pois, sabem que o pedagogo possui domínios teóricos e práticos para auxiliar a criança a compreender e vivenciar o momento da internação e da doença.

Na sexta pergunta é questionado sobre a opinião de haver um pedagogo incluído dentro das unidades hospitalares pediátricas auxiliando a equipe de profissionais como médicos, enfermeiros e técnicos em enfermagem, para que o profissional pedagogo possa estar proporcionando momentos lúdicos visando a melhoria do bem-estar da criança. Como resposta, ambos hospitais compreendem o pedagogo como um profissional essencial para complementar o trabalho desenvolvido com pacientes infantis e na melhoria do espaço destinado as mesmas.

É indispensável refletir que

devemos compreender que o papel do pedagogo, nesse processo, difere do papel dos profissionais que trabalham nas diversas áreas da saúde, que devem zelar pelo bem-estar físico e psíquico do paciente. Nesse caso, o trabalho multidisciplinar, no ambiente hospitalar são essenciais para o bem-estar do paciente, tendo, cada profissional, sua atribuição específica (SILVA, 2018, p.11).

Os autores Ceccim & Carvalho (1997, p.80) afirmam dentre as atividades exercidas pelo profissional pedagogo incluído no ambiente hospitalar, umas delas é “a tarefa de afirmar a vida, e sua melhor qualidade, junto com essas crianças, ajudando-as a reagir, interagindo para que o mundo de fora continue dentro do hospital e as acolha com um projeto de saúde” Essa concepção de pedagogo incluído dentro do hospital, fazendo parte da equipe multidisciplinar que atende as crianças em seu período de internação podem dar a garantia de direitos básicos da infância, oportunizando que o hospital possa oferecer um ambiente humanizado, em que há garantia da vivência infantil nesse espaço sem prejuízos ao seu desenvolvimento a longo prazo (SANTOS, QUIXABEIRA, ABRÃO, 2020).

É importante considerar, então, o pedagogo, conforme afirmado por Matos & Mugiatti (2008) como sendo técnicos de excelência do processo cognitivo e que podem contemplar a equipe especializada dos hospitais, contribuindo para etapas da internação e atendimento a criança no processo de estabilização de sua saúde.

O papel do pedagogo segundo Cardoso & Santos (2011), pode auxiliar a criança na conexão com o mundo que há fora do hospital, associando espaços, ajudando na autoestima da criança e colaborando para melhor compreensão da doença e do próprio espaço hospital, assim como dos procedimentos que são necessários para a sua recuperação.

Neste contexto, o pedagogo hospitalar, especialmente

tem um papel importante dentro da educação da criança e adolescente hospitalizados, pois tem a finalidade de acompanhá-los no período de ausência na escola, e também tem o papel de mediador de sentimentos desses sujeitos, que estão vivenciando momentos de exclusão social, de mudança de rotina e de privação de liberdade (SILVA, 2018, p.27).

Portanto, torna-se muito evidente como é salientado por Teixeira & Kishimoto (2021), que o lúdico é primordial para o tratamento da saúde, considerando que na infância este aspecto torna-se

indispensável e nas práticas que envolvem saúde e internação a característica lúdica e o contexto lúdico pode oferecer melhorias no tratamento que é disponibilizado as crianças e seus familiares, ainda mais se nesse processo possa contar com a participação de diversificados profissionais para oportunizar melhorias do processo de saúde, incluindo neste caso, a participação do pedagogo.

De acordo com Kryminice & Cunha (2009), as atividades lúdicas podem proporcionar, durante o momento de internação tanto da criança quanto do adolescente, a promoção de um dos lados saudáveis no sujeito, lembrando suas características, seus desejos e promovendo um ambiente mais leve e alegre. O hospital, assim, pode ser considerado como “um contexto de desenvolvimento infantil, visto que este local torna-se parte da vivência da criança, interferindo nas relações psicossociais” (OLIVEIRA, et al, 2009, p. 308) e portanto, o pedagogo dada gama de conhecimentos que instituem a sua formação, “possui ferramentas capazes de promover a interação entre a criança, a família, a escola e o hospital, diminuindo assim os traumas causados pela internação e contribuindo para uma interação social” (SILVA, 2018, p.27)

A última questão do formulário versava a respeito da existência de seleção prévia de jogos, brinquedos e atividades que contemplem a faixa etária dos internados e a quem é destinada essa tarefa, bem como era indagado sobre quem proporciona as atividades às crianças internadas. O Hospital Brincar afirma não ter seleção, nem profissionais específicos que selecionem os materiais para as crianças. O Hospital Lúdico confirma a seleção prévia de jogos, brinquedos e materiais que contemplem a faixa etária das crianças internadas, porém não aborda questões sobre quem selecione o material ou quem proporcione essas atividades as crianças.

As últimas questões respondidas, refletem a importância do pedagogo no espaço hospitalar, na qual Silva (2018, p. 27) relata que

embora o pedagogo não tenha o seu papel totalmente reconhecido por médicos, enfermeiros, nutricionistas, que, muitas vezes é visto como o profissional que tem apenas o papel de brincar com a criança para que ela não dê trabalho, não podemos deixar de acreditar na importância da atuação do pedagogo no ambiente hospitalar. Ao pedagogo cabe uma tarefa transformadora que auxilie ao aluno/paciente a passar por este momento difícil com plenas condições de conseguir se restabelecer em sua totalidade (SILVA, 2018, p.27).

O que confirma, então, a importância de um trabalho integrado à equipe de saúde, juntamente com o pedagogo quando se aborda aspectos da internação infantil, visando a plena recuperação da criança não somente em aspectos de saúde física (ABRÃO & FIGUEIREDO, 2013).

## Considerações

O objetivo deste trabalho era conhecer a área pedagógica de dois hospitais e compreender as atividades lúdico-pedagógicas realizadas dentro destes espaços como a brinquedoteca existente e o brincar, compreendendo a relevância social do papel do pedagogo dentro de ambientes informais de ensino e do seu trabalho lúdico no tratamento de crianças dentro de alas de pediatria.

Compreendeu-se então, primeiramente, a dialogicidade entre a educação, direito e saúde como atividades que podem se complementar visando o desenvolvimento integral do indivíduo, primordialmente na infância. A educação mostra-se ampla, diversificada e nos rodeia em qualquer ambiente, portanto, o hospital pode torna-se um ambiente educativo não somente para a área da saúde, mas também, para a área pedagógica.

A pedagogia hospitalar e o multiprofissional pedagogo contemplem a diversificação dos espaços, formas e atuação da sociedade e do pedagogo, dada a mudança de perfil do trabalho que desenvolve na sociedade mediante a novas realidades e adaptações de seu afazeres, tornando-se assim, um profissional que pode constituir a equipe de profissionais de um hospital por meio dos conhecimentos oriundos de sua formação teórica e prática.

Sendo o pedagogo um profissional capacitado, o mesmo compreende a importância e primordialidade do lúdico tão indispensável na infância, assim como o brinquedo e o brincar

principalmente, os espaços próprios e apropriados destinados as brinquedotecas hospitalares no qual podem promover o bem-estar integral da criança internada e garantia de seus direitos na condição de ser humano.

Conclui-se, portanto, que nos espaços pesquisados não há ocorrência de profissionais pedagogos ou psicopedagogos que trabalhem juntamente com a equipe de saúde para o atendimento de crianças internadas, mesmo havendo ocorrência de espaço lúdicos e brinquedoteca. O fato demonstra como o trabalho pedagógico ainda não é considerado como necessário ou primordial e ainda traz à tona como o fato do brincar pode ser feito apenas com o intuito de “ter”, ou seja, de possuir brinquedos, possuir jogos, possuir o espaço e não ser feito de modo organizado e orientado por um profissional dotado de capacidade e entendimento sobre a criança, a infância e suas especificidades.

Salienta-se ainda como resultado o fato de que os hospitais possuem conhecimento de se haver espaços lúdicos apropriados para o uso das crianças internadas e os mesmos ressaltam a importância de valorizar o pedagogo, porém, não houve justificativas concretas sobre os reais motivos de não tê-los fazendo parte da equipe de profissionais de hospitais, o que demonstra mais uma vez a falta de reconhecimento sobre o profissional pedagogo. Entre os dados obtidos foi trazido à tona a essencialidade dos espaços lúdicos e a brinquedoteca para o bem-estar infantil por meio do brincar.

Assim sendo, as expectativas sobre a pesquisa e o objetivo geral foram sanadas e estes resultados podem e devem ser utilizados como forma de auxiliar a busca por meios de reconhecimento do pedagogo como um profissional essencial na garantia de direitos da criança internada e para o desenvolvimento pleno do indivíduo envolvido no processo de internação e ainda mais, como o pedagogo como o profissional que pode desenvolver sujeitos em vulnerabilidade por meio de atividades lúdicas, a brincadeira e os próprios espaços de brinquedoteca de modo especialmente profissional.

Houve limitações da pesquisa devido à pandemia da COVID-19 e, portanto, sugere-se ainda a continuidade do estudo voltado a pedagogia hospitalar. Infelizmente as pesquisas bibliográficas não são tão recentes e a temas voltados ao papel do pedagogo como profissional capacitado ao trabalho e tratamento infantil são imprescindíveis, dada a importância do tema. Desta maneira, o pedagogo incluído no ambiente hospitalar como profissional da educação pode trazer grandes benefícios a todos os envolvidos no processo de recuperação da saúde do sujeito, primordialmente na infância, garantindo seu direito básico ao brincar e mais ainda, inclusão na educação e humanização no processo hospitalar.

## Referências

ABRÃO, Ruhena Kelber; ABRANTES, Daniela Ribeiro; BEIERSDORF, Daiane dos Santos. A constituição da infância permeada pelo contexto social, mídia e brinquedo. Florianópolis: **Zero-a-seis**, v. 17, n. 31, p. 79-90, jan./jun. 2015.

ABRÃO, R. K. A Política de Organização das Infâncias e o currículo da Educação Infantil e do primeiro ano. **Zero-a-seis**, Florianópolis, v.25, p.51-74, 2012.

ABRÃO, K. e FIGUEREDO, M. A Corporeidade Infantil Nos Espaços da escola. **Vivências**. Vol.9, N.16: p. 20-28, Maio/2013.

ABRÃO, K. e FIGUEREDO, M.e DUARTE, M. O papel da afetividade no processo de ensino e aprendizagem da criança com deficiência. **Revista Uniabeu**, v.10, n24 p. 1-18, 2017.

ANDRADE, Elaine Silva de; SILVA, Neiton da. **Pedagogia Hospitalar: fundamentos e práticas de humanização e cuidado**. Cruz das Almas/ BA: UFRB. 2013.

ANDRADE, D. C. ; SOUSA, L. G. S. ; ROCHA, P. R. M. ; SANTOS, T. S. ; QUIXABEIRA, A. P. ; FERREIRA, R.K.A. . A Educação física na infância: a importância das brincadeiras tradicionais como forma de



aprendizagem no ambiente escolar. **Multidebates**, v. 21, p. 205, 2021.

ARANHA, Maria Salete Fábio. **Inclusão social e municipalização**. In: **Novas Diretrizes da Educação Especial**. São Paulo: Secretaria Estadual de Educação. 2010.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação?** São Paulo: Brasiliense, 2007.

BASTOS, Cleverson; KELLER, Vicente. **Aprendendo a aprender**. Petrópolis: Vozes, 1995.

Brasil. Conselho Nacional de Direitos da Criança e do Adolescente. **Resolução nº 41, de 13 de outubro de 1995**. Secretaria Executiva do Conanda, Brasília, DF: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2004. Disponível em: < <https://www.gov.br/mdh/pt-br/aceso-a-informacao/participacao-social/conselho-nacional-dos-direitos-da-crianca-e-do-adolescente-conanda/resolucoes/resolucoes-1-a-99.pdf>>. Acesso em: 24 ago. 2021.

Brasil. Conselho Nacional da Educação. **Parecer CNE/CP nº 01/2006**. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura. Brasília, DF: Conselho Nacional da Educação, 2006. Disponível em: < [http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01\\_06.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_06.pdf)>. Acesso em: 24 ago. 2021.

Brasil. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB/96**. Lei n. 9.394/96. 4. ed. Brasília, DF: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas. 2020. Disponível em: <<https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/572694>>. Acesso em: 24 ago. 2021.

Brasil. **Lei nº 11.104/2005, de 21 de março de 2005**. Dispõe sobre a obrigatoriedade de instalação de brinquedotecas nas unidades de saúde que ofereçam atendimento pediátrico em regime de internação. Diário Oficial da União: Seção 1, Brasília, DF, 2005. Disponível em: < <https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=LEI&numero=11104&ano=2005&ato=f83QTWE5EMRpWTfc3>>. Acesso em: 27 ago. 2021.

BEZERRA, Leonardo Mendes. É possível implantar a classe hospitalar? O lugar do pedagogo no sistema de saúde. **EDUCA- Revista Multidisciplinar em Educação, Porto Velho**, v.6, n.13, p.146-167, jan./ mar. 2019.

CARO, Marianela Ferreyra; ACUÑA, Silvia Riquelme. **Aulas hospitalarias y atención domiciliaria em latinoamérica**. In Rolim, C. L. A. et al. (Ed.). Educação como espaço de direito. São Paulo. 2017.

CECCIM, R.; CARVALHO, P. (Orgs.) **Criança hospitalizada: atenção integral como escuta à vida**. Porto Alegre: Editora da Universidade (UFRGS), 1997.

CHAER, Galdino; DINIZ, Rafael Rosa Pereira; RIBEIRO, Elisa Antônia. A técnica do questionário na pesquisa educacional. **Revista Evidência**, Araxá, v. 7, n. 7. 2011

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 4. ed. 2000.

DIAS Et al, Gleicieli Karine dos Reis. **Pedagogia hospitalar: conceito e importância, frente aos direitos da criança hospitalizada**. EDUCERE – Revista da Educação, Umuarama, v.18, n. 1, p. 81-92, jan./jun. 2018.

FERREIRA, Fernanda; PRETTO, Valdir. **A importância da utilização da literatura infantil para o desenvolvimento cognitivo e afetivo da criança**. XVI Jornada Nacional de Educacao- Educacao: território de saberes. Santa Maria, RS, 2012. Disponível em:< <https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-01396701>>. Acesso em 12 ago. 2021.

FERREIRA, R. K. A. .; SANTOS, E. da S. . Breves considerações sobre a documentação pedagógica . **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 10, n. 9, p. e15010917782, 2021. DOI: 10.33448/rsd-v10i9.17782. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/17782>. Acesso em: 16 jan. 2022.

FORNEIRO, Lina Iglesias. A Organização dos Espaços na Educação Infantil. In: ZABALZA, Miguel A. **Qualidade em educação infantil**. Tradução Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: Artmed. 1998.

FONTES, Cassiana Mendes Bertencello et al. Utilização do brinquedo terapêutico na assistência à criança hospitalizada. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v.16, n.1, p.95-106, jan./abril. 2010.

GABARDO, Andrea Aires. **Classe hospitalar: aspectos da relação professor-aluno em sala de aula de um hospital**. 2002. 50 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

GASPAROTTO, Geisa Mari. **Pedagogia Hospitalar: a literatura infantil como elemento de mediação no desenvolvimento da criança hospitalizada**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal de Maringá. Maringá, 2011. Disponível em: < <https://xdocs.com.br/doc/pedagogia-hospitalar-a-literatura-infantil-como-elemento-de-mediaao-no-desenvolvimento-da-crianca-hospitalizada-40lrq7exv7om>>. Acesso em: 23 out. 2021.

GHIRALDELLI JR., Paulo. **O que é pedagogia**. 6.ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

GOMES, Daniela Alessandra; MATTÃO, Patrícia; RODRIGUES, Liliâne Correia de Souza. **Pedagogia Hospitalar: a educação e o lúdico associados a saúde**. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia). Associação Educativa do Brasil/ Matriz. 2014. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/24024257-Pedagogia-hospitalar-a-educacao-e-o-ludico-associados-a-saude.html>>. Acesso em 12 set. 2021.

GOMES, A. V. .; FERREIRA , R. K. A. .; RODRIGUES, C. F. do C. . A saúde na vida do cárcere no Brasil e no Tocantins . **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 9, n. 9, p. e981998067, 2020. DOI: 10.33448/rsd-v9i9.8067. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/8067>. Acesso em: 16 jan. 2022.

GOMES, Thauana Paiva de; VITORINO, Diego da Costa. **Educação Formal e não formal**. Londrina: Editora e Distribuidora Educacional S.A., 2017.

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v.14, n.50, p. 27-38, jan./mar. 2006.

KISHIMOTO, T. M. Diferentes Tipos de Brinquedoteca. In: FRIEDMANN, A. (org.). **O Direito de Brincar: a brinquedoteca**. São Paulo: Edições Sociais, 1998.

KRYMINICE, A. O. S.; CUNHA, C. R. A. **As múltiplas linguagens artísticas e a criança enferma**. In: MATOS, E. L. M. (Org.). **Escolarização hospitalar: educação e saúde de mãos dadas para humanizar**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

LINHARES, Patrícia; LOREDO, Cinthia. **Pedagogia Hospitalar: reflexões sobre a atuação do pedagogo no hospital**. In: **14º Congresso de Iniciação Científica**, 2014. Disponível em: < <http://conic-semesp.org.br/anais/files/2014/trabalho-1000017134.pdf>>. Acesso em 3 set. 2021.

LIMA, Michel Ferreira; MATTOS, Juliana Brito dos Anjos. A importância da pedagogia no ambiente hospitalar: educação e saúde, unidos em prol do desenvolvimento humano. **Revista Dissertar**, v. 1,

n. 34, 2020. Disponível em: < <http://revistadissertar.adesa.com.br/index.php/revistadissertar/article/view/288/489>>. Acesso em 1 set. 2021.

MATOS, Elizete Lúcia; MUGIATTI, Margarida. **Pedagogia Hospitalar: a humanização integrando a educação e a saúde**. 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009

MELO, Ana Lúcia Braga. **As práticas educativas desenvolvidas por pedagogos em espaços não escolares e os saberes profissionais mobilizados**. ANPAE, 2012. Disponível em:< <https://dokumen.tips/documents/as-praticas-educativas-desenvolvidas-por-anpaeorgbrseminarioanpae20121-comunicacaoeixo0437ana.html>>. Acesso em: 14 set. 2021.

MENEZES, Cinthia Vernizi Adachi de. **A necessidade da formação do pedagogo para atuar em ambiente hospitalar: um estudo de caso em enfermarias pediátricas do hospital de clínicas da UFPR**. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004. Disponível em:< <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/86680>>. Acesso em 3 set. 2021.

MITRE, R. M. A.; GOMES, R. A promoção do brincar no contexto da hospitalização infantil como ação de saúde. **Ciência e saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 147- 154. 2004.

MONTESSORI, Maria. **Maria Montessori**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

NASCIMENTO, D. E. do; ABRÃO, R. K.; QUARESMA, F. R. P.; SOARES, K. C. P. C.; TAVARES, A. L. Formação, Lazer e Currículo: Os Cursos de Educação Física do Tocantins. **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, [S. l.]**, v. 23, n. 2, p. 342–361, 2020. DOI: 10.35699/2447-6218.2020.24044. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/24044>. Acesso em: 16 jan. 2022.

OLIVEIRA, Vera Barros. O lúdico na realidade hospitalar. In: **Brinquedoteca hospitalar: isto é humanização**. Associação Brasileira de Brinquedotecas. 2 ed. Rio de Janeiro: Wak, 2008.

OLIVEIRA, Lecila Duarte Barbosa et al. A brinquedoteca hospitalar como fator de promoção no desenvolvimento infantil: relato de experiência. **Revista Brasileira Crescimento Desenvolvimento Humano**. 2009. Disponível em:< <https://www.revistas.usp.br/jhgd/article/view/19920>>. Acesso em 15 set 2021.

ORTIZ, Leodi Conceição Meireles; FREITAS, Sorais Napoleão. **Classe Hospitalar: Caminhos pedagógicos entre Saúde e Educação**. Santa Maria: Ed. UFSM, 2005.

PIMENTA, S. G.; ANASTASIOU, L. das G. C.; CAVALLET, V. J. Docência e ensino superior: construindo caminhos. In: BARBOSA, R. L. L. (Org.). **Formação de educadores: desafios e perspectivas**. São Paulo: Unesp. 2003.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. Estrutura do Projeto de Pesquisa. In: PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico** [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2 ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. Disponível em: <<https://www.feevale.br/Comum/midias/0163c988-1f5d-496f-b118-a6e009a7a2f9/E-book%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf>>. Acesso em: 8 ago. 2021.

PORTELA, Mariliza Simonete. A escola no hospital: uma lição para alunos e professores. In: **IX Congresso Nacional de Educação- EDUCERE III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia** 26 a 29 de 2009 - PUCR. Disponível em: < <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/>

pdf/3263\_1756.pdf>. Acesso em: 19 out. 2021.

RIBEIRO, S. P. **Jogos e Brinquedos Tradicionais**. In: SANTOS, S. M. P. (org.). Brinquedoteca: o lúdico em diferentes contextos. Petrópolis RJ: Vozes 1997.

ROLIM, Carmem Lucia Artioli. Educação hospitalar: uma questão de direito. **Revista "Actualidades investigativas em Educación"**, n. 19, n. 1, jan/ abr, 2019. DOI: <https://doi.org/10.15517/aie.v19i1.35600>. Acesso em 25 ago. 2021.

ROLIM, Carmem Lucia Artioli. SOUZA, Zilmere Santana. As vozes das professoras na Pedagogia Hospitalar: Descortinando possibilidades e enfrentamentos. **Revista Brasileira de Educação Especial**. Bauru, v. 25, n. 3, jul/ set. 2019.

SALES, Orcélia Pereira et al. O Sistema Único de Saúde: desafios, avanços e debates em 30 anos de história. **Humanidades & Inovação**, v. 6, n. 17, p. 54-65, 2019.

SANTOS, A. M. ; QUIXABEIRA, A. P. ; ABRÃO. K. . A brinquedoteca do hospital de referência de Miracema do Tocantins: uma análise da lei federal N 11.104 de 2005. **multidebates**, v. 4, p. 142-156, 2020.

SCHWARTZ, S.; VIEIRA, M. A. .; RODRIGUES, A. C. S.; FERREIRA, R. K. A. Estratégias para o trabalho com textos na universidade. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 9, n. 8, p. e790986209, 2020. DOI: 10.33448/rsd-v9i8.6209. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/6209>. Acesso em: 16 jan. 2022.

SILVA, Ana Paula Machado et al. ESTRATÉGIAS DOCENTES NA TRANSIÇÃO DO ENSINO PRESENCIAL PARA O ENSINO REMOTO. **Humanidades & Inovação**, v. 8, n. 44, p. 63-72, 2021.

SEVERO, José Leonardo Rolim de Lima. Educação não escolar como campo de práticas pedagógicas. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. (online), Brasília, v. 96, n. 244, p. 561-576, set./dez. 2015.

SILVA, Aline Fabiana da; CARDOSO, Cristiane Aparecida. SANTOS, Mauro Augusto dos. O trabalho do Pedagogo no Ambiente Hospitalar. **Revista Brasileira de Educação e Cultura**, n. IV. jul- dez. 2011. Disponível em:< [https://www.researchgate.net/publication/279665231\\_O\\_Trabalho\\_do\\_Pedagogo\\_no\\_Ambiente\\_Hospitalar/link/58d08a4eaca272df6a6abcc2/download](https://www.researchgate.net/publication/279665231_O_Trabalho_do_Pedagogo_no_Ambiente_Hospitalar/link/58d08a4eaca272df6a6abcc2/download)>. Acesso em 22 set. 2021.

SILVA, Tania Melissa Archangelo da; MATOS, Elizete Lúcia Moreira. Brinquedoteca Hospitalar: uma realidade de humanização para atender crianças hospitalizadas. **IX Congresso Nacional de Educação –EDUCERE. III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia**. PUCPR. 2009.

SILVA, Aline da Conceição da. **A pedagogia hospitalar e a prática do pedagogo hospitalar**. Repositório institucional da UFPB. Joao Pessoa, 2018. Disponível em: < [https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/14140?locale=pt\\_BR](https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/14140?locale=pt_BR)>. Acesso em 12 set 2021.

SILVEIRA, Dially Cristina; PAULA, Jéssica de Almeida. **Pedagogia Hospitalar**. Faculdade Calafiori, São Sebastiao do Paraíso, MG, 2016. Disponível em: < <http://calafiori.edu.br/wp-content/uploads/2019/09/PEDAGOGIA-HOSPITALAR.pdf>>. Acesso em 4 out. 2021.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. **A pesquisa científica**. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Orgs.) Métodos de pesquisa. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/52806>>. Acesso em 14 out. 2021.

SOUZA, Greice Kely Oliveira de; MARTINS Maria Margarete B. A brinquedoteca hospitalar e a

recuperação de crianças internadas: uma revisão bibliográfica. **Revista Saúde e Pesquisa**, v. 6, n. 1, jan./abr. 2013 - ISSN 1983-1870.

TEIXEIRA, Sirlândia Reis de Oliveira; KISHIMOTO, Tizuko Morchida. Brinquedoteca hospitalar na cidade de São Paulo: humanização e assistência à saúde. **Revista de Estudos em Educação e Diversidade**. v.2, n. 3, jan./mar. 2021. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/reed/article/view/8074/5659>. Acesso em 29 set. 2021.

TRILLA, J. A educação não-formal. In: ARANTES, V. A. (Org.). **Educação formal e não-formal**. São Paulo: Summus, 2008. p. 15-55.

VIEIRA, Valéria; BIANCONI, Maria Lúcia; DIAS, Monique. Espaços não-formais de ensino e o currículo de ciências. **Ciência e Cultura**, São Paulo, n. 4, out./Dec. 2005.

VIEGAS, D. (Org.). **Brinquedoteca hospitalar: isto é humanização**. 2. ed. Rio de Janeiro: Wak. 2008.

Recebido em 28 de janeiro de 2022.

Aceito em 16 de maio de 2023.